

Entrevista

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA SE ESQUECEU DO ALUNO E DA APRENDIZAGEM, ALERTA PROFESSORA MARIA CÂNDIDA MORAES

BRAZILIAN EDUCATION HAS FORGOTTEN ABOUT THE STUDENT AND LEARNING, WARNS PROFESSOR MARIA CÂNDIDAMOARES

LA EDUCACIÓN BRASILEÑA SE OLVIDÓ DEL ALUMNO Y DEL APRENDIZAJE, ADVIERTE LA PROFESORA MARIA CÂNDIDA MORAES

Por Carlos Golembiewski¹

RESUMO: A professora Maria Cândida Moraes estuda há mais de 20 anos a educação brasileira e mundial. Trabalhou nos programas de Pós-graduação em Educação nas universidades Católica de Brasília e PUC de São Paulo. Foi professora visitante na OEA em Washington, nos Estados Unidos e Universidade de Barcelona, na Espanha. Em 2019, recebeu o prêmio Ricardo Marin, da Associação de Criatividade da Espanha, por suas contribuições nesta área. Nesse mesmo ano, a professora Maria Cândida participou do II Congresso Internacional de Políticas Públicas, promovido pelo Mestrado em Gestão de Políticas Públicas da Univali. Após a sua conferência, concedeu uma entrevista ao jornalista e professor da Univali, Carlos Golembiewski. Ela está preocupada com a qualidade da educação brasileira e com o que está por vir.

Licença CC BY:

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.

1 Doutor em Comunicação Social; professor do Mestrado em Gestão de Políticas Públicas e do Curso de Jornalismo, ambos da UNIVALI: carlosinterligado@yahoo.com.br



ABSTRACT: Professor Maria Cândida Moraes has studied education in Brazil and worldwide for more than twenty years. She has worked in Postgraduate programs in Education at the Universidade Católica de Brasília and PUC of São Paulo. She was visiting professor at the OEA in Washington, USA, and the University of Barcelona, Spain. In 2019, she received the Ricardo Marin Prize of the Creativity Association of Spain for her contributions to this area. Also in 2019, Professor Maria Cândida took part in the II International Congress on Public Policy, promoted by the Master's degree in Public Policies of Univali. After the Conference, she gave an interview to journalist and Univali professor Carlos Golembiewski. She is concerned with the quality of Brazilian education, and its future.

RESUMEN: La profesora Maria Cândida Moraes estudia ha más de 20 años la educación brasileña y mundial. Trabajó en los programas de Posgrado en Educación en las universidades Católica de Brasília y PUC de São Paulo. Fue profesora visitante en la OEA en Washington, Estados Unidos y en la Universidad de Barcelona, España. En 2019, recibió el premio Ricardo Marin, de la Asociación de Creatividad de España, por sus contribuciones en el área. En el mismo año, la profesora Maria Cândida participó del II Congreso Internacional de Políticas Públicas, promovido por la Maestría en Gestión de Políticas Públicas de la Univali. Luego de su conferencia, concedió una entrevista al periodista y profesor de la Univali, Carlos Golembiewski. Ella está preocupada con la calidad de la educación brasileña y con lo que está por venir.



P - Qual a sua opinião sobre as notas do ENADE (Exame Nacional de Cursos) de 2019, que avaliaram uma parte dos cursos do Ensino Superior brasileiro e ficaram com médias variando de 3,5 a 5,3?

Acholamentável essa situação que estamos tendo que enfrentar em relação aos resultados do ENADE, as avaliações nacionais. Revela um retrato de que alguma coisa, há muito tempo, não vai bem e está piorando. Essa é a minha grande preocupação porque nós temos que trabalhar pensando numa educação de qualidade. O que seria isso? É aquela que cuida dos processos de aprendizagem. Nós, muitas vezes, trabalhamos na vertente do ensino e descuidamos dos processos de aprendizagem. Pra mim, isso é o reflexo de que esses dois polos não estão conversando de forma articulada. E a aprendizagem não está acontecendo nas escolas. Por quê? Nós sabemos que existem muitas causas. Por isso, temos que ampliar o nosso olhar para ver além das questões emocionais, cognitivas. Há todo um entorno de tudo isso. A questão social, econômica, entre outros fatores, que estão fazendo com que esses resultados se apresentem dessa maneira. Existem também as causas ligadas à dificuldade da docência. Por exemplo, o nosso professor está tendo que trabalhar muito mais do que 40 horas, porque continua levando trabalho pra casa. Faz as correções em casa e ainda tem que se preparar para as aulas. E, ao mesmo tempo, tem que lidar com a questão **séria** da sobrevivência. Então, é um problema de absoluta complexidade que nós precisamos ter uma lupa, no sentido de poder avaliar quais são esses fatores que estão interferindo em todos os processos.

P- Então, pelo que a senhora diz, o professor está preocupado muito com o conteúdo (o ensino) e não com o que o aluno está aprendendo?

É, está preocupado em dar conta de um planejamento. Com aquilo que determina a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que apenas estabelece uma série de competências e habilidades, sem saber o que acontece na sala de aula. Quer dizer, são conteúdos determinados, eu diria assim, de fora, desconectados de um contexto. Por quê? Porque esse professor está preocupado em cumprir um planejamento sem que essa criança tenha condições de compreender e de participar de uma sala de aula nesse momento. Quer dizer, quais são as condições emocionais que essa criança está enfrentando? Como é a história de vida desses alunos? É preciso estar atento, porque exatamente, tudo isso, favorece, facilita a harmonização desses aspectos, facilita profundamente as questões de aprendizagem, está tudo conectado. A aprendizagem passa pela nossa corporeidade.

P - Por isso que os professores estão assustados? Você coloca número percentual no quadro e os alunos se apavoram. E dizem: professor, escolhi as humanas porque não quero matemática, isso é assustador, né?



É assustador e vem aumentando numa proporção bastante preocupante. Porque, muitas vezes, na escola, as questões do ensino/aprendizagem **não estão sendo levadas em conta. Nós estamos focando muito mais na instrução do ensino e não no indivíduo com a sua aprendizagem, com os seus talentos, com as suas possibilidades de aprendizagem. Então, o que que acontece?** O aluno **não** está olhando pra dentro de si. O ambiente educativo está muito perverso em vários aspectos, não vem permitindo que o aluno saiba quais são as suas potencialidades, que o aluno desenvolva a sua autoria, que conquiste a sua autonomia. E por aí vai. Quer dizer, a nossa criança não está tendo essa possibilidade de descobrir os seus talentos e de dialogar com eles, pra saber qual a direção da vida, qual o sentido da sua vida.

P - Isso até vai ao encontro do que disse o sociólogo polonês, Zigmunt Bauman, numa referência a um amigo: nunca tivemos tanta tecnologia e tanta fome de sabedoria. Então, a tecnologia parece que não tem nos ajudado, né, professora?

Olha, a tecnologia, sobre o meu ponto de vista, é uma faca de dois gumes, vamos dizer assim. Ela tanto pode favorecer aspectos de aprendizagem, sabemos que ela tem esse potencial, mas aí vamos ter que trabalhar com plataformas que sejam amigáveis, que potencializem todas essas possibilidades, mas ela pode ser um instrumento profundamente perverso. Entregando pacotes que nada tem a ver com esses alunos, fazendo cobranças que nada tem a ver com a aprendizagem desse aluno. Enfim, acho que precisamos questionar qual **é mesmo** o fundamento da educação, o que se quer no sentido muito mais amplo.

P - O professor parece um pouco perdido, a senhora até comentou isso na palestra. Ele não sabe o que fazer com o celular do aluno. Como incluir essa tecnologia na sala de aula?

Esse pra mim é um dos problemas bastante sérios, porque o professor não foi educado a partir do uso dessa tecnologia e acaba repetindo o que existe na sua matriz pedagógica. Essa matriz é construída pelas experiências que são vividas pelos processos de aprendizagem daquilo que ele viveu, acontece a partir da sua história de vida docente. E isso é algo que está dentro de cada um de nós. E nós estamos reproduzindo modelos, daí a dificuldade do professor de integrar essa tecnologia (a grande maioria). Há trabalhos belíssimos feitos em vários níveis da educação fundamental, na graduação ou na pós-graduação, a partir de uso amigável dessas tecnologias. Mas, de um modo geral, o professor está tendo muita dificuldade. E as pesquisas vêm dizendo que eles **não estão conseguindo enxergar a tecnologia como uma aliada, ela passa a ser algo que incomoda esse professor.** Ele não tem tempo de alterar o seu planejamento para criar novas estratégias de aprendizagem que possam incluir. É isso, sente que está perdendo tempo.



P– O resultado do EAD e o presencial foi praticamente igual. O presencial não está entregando mais do que os cursos a distância?

O presencial não vem entregando o mínimo que deveria entregar. Nós estamos com um sistema educacional perverso, caótico, e é preciso começar a discutir o que é uma educação de qualidade. O que é aprender a pensar pedagogicamente bem, corretamente a questão pedagógica e trabalhar tecnologicamente de uma maneira competente, fazendo um diálogo entre a tecnologia e a pedagogia pra potencializar processos de ensino-aprendizagem.

P- Professora, pra mudar algo é preciso também mudar a sala de aula, que tem uma configuração do século XIX, com as carteiras em filas, do ensino básico à pós-graduação. O que dificulta a interação do grupo, né?

A questão do ambiente da sala de aula hoje é um retrato de todo esse paradigma. Então, quando nós arrumamos as carteiras em círculo, vem o pessoal da limpeza e coloca uma atrás da outra. Isso reflete uma mentalidade muito grande da própria organização escolar, que é difícil de ser alterada, de ser mudada. Então, como trabalhar e criar ambientes que sejam prazerosos, criativos, preocupados com a autonomia do aluno. Preocupados, vamos dizer, com a curiosidade epistemológica, pedagógica, com os processos de construção desse sujeito. E com um processo de formação que é muito mais amplo. Porque nós nos formamos a partir do encontro de cada um consigo mesmo e com o outro, com a natureza, com o ambiente. Mas esse ambiente escolar faz com que o aluno não se sinta conectado, porque nele não flui nem energia, nem matéria, nem informação adequada para que ele possa estar acoplado a essa fruição do qual inclusive a criatividade faz parte.

P - Em relação ao governo Bolsonaro, que completou um ano em 2019, que caminhos a senhora enxerga para a Educação? Entre as novidades estão as escolas cívico-militares?

É uma questão muito séria que me preocupa muito. Porque acho que em relação ao que nós vimos até agora, há um retrocesso. Tem a escola sem partido. De qualquer forma isso é uma balela porque de uma certa forma está se fazendo a opção por uma certa pedagogia conservadora. Porque é impossível separar o ser do conhecer, é impossível separar o ser do fazer e do conhecer. Uma opção pode estar patente, mesmo sem estar explícita. Exatamente por isso é impossível. Somos um todo, somos as nossas próprias opções. Aquilo que a gente acredita, aquilo que a gente pratica. Exatamente pela existência de um nó górdio, que é um nó epistemológico entre o ser, o conhecer e o fazer. Então, senão estão de um lado, estão atuando do outro. Isso é um retrocesso porque se pretende fazer um ensino a partir de uma situação de obediência, de autoritarismo. Isso é uma regressão.



P - E agora, propondo algumas soluções. O que precisa ser feito na pedagogia, por exemplo, já que a senhora falou na sua palestra que os cursos estão decadentes. Que revolução precisa ser feita?

Os cursos de pedagogia precisam ser repensados na sua totalidade, nos seus objetivos, nas suas finalidades. As propostas curriculares precisam ser trabalhadas, a questão da tecnologia, a questão dos currículos. A pedagogia se transformou num curso muito aligeirado, que não trabalha uma série de aspectos importantes. É um curso que não dialoga com os fundamentos com a neurociência. É um curso epistemologicamente muito fraco, debilitado. É um curso que precisa ser repensado em vários aspectos para que realmente possa enfrentar os novos tempos. As crianças precisam aprender a pensar bem para atuarem bem, significa atuar eticamente, de uma maneira solidária, de uma maneira responsável, criativa, construindo uma autonomia. Porque o viver hoje implica muita criatividade por parte de cada um nós.

P - Como a senhora avalia esses anúncios do MEC de cortes de bolsas de estudo, impedindo que o cientista vá se especializar no exterior. Isso é triste em relação ao desenvolvimento do país.

Um país sem pesquisa não caminha, não se desenvolve. A questão das bolsas de pesquisa, as bolsas de iniciação científica, elas são fundamentais para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. Essa é uma questão que precisa ser repensada o mais rapidamente possível. Porque nós temos que ir lá fora, desenvolver, abrir a nossa cabeça, buscar construir conhecimento e voltar, e poder trazer algo substancial, algo que faça sentido para o desenvolvimento da nossa tecnologia. O país fica sem futuro sem bolsa de pesquisa.

P - O que a senhora diria para os educadores e para quem trabalha com as Políticas Públicas?

Nós não podemos perder a esperança. Eu acho que cada um pode perseverar, resistir no metro quadrado que pisa, tentando fazer o que pode fazer de melhor. E cada um pode transformar esse espaço, desenvolver, vamos dizer assim, um novo olhar sobre velhos problemas e, a partir daí, criar, reconstruir, isso tudo implica cuidado, amorosidade, solidariedade, responsabilidade, implica **ética**. **Acho que** em tudo isso temos que resgatar nos nossos ambientes de ensino-aprendizagem e, certamente, construir um futuro melhor pra novas gerações.